



CORADESQUI, Glauber (Glauber Gonçalves de Abreu); RODRIGUES, Giselle (Giselle Rodrigues de Brito). **Sentido e estranhamento no espetáculo Danaides**: investigações sobre mediação. Brasília: Universidade de Brasília. Universidade de Brasília; Mestrado; Roberta Kumasaka Matsumoto. Universidade de Brasília; Professora Assistente.

RESUMO

O presente artigo investiga a proposta de mediação pedagógica desenvolvida para a recepção do espetáculo *Danaides* junto a estudantes de Ensino Médio da rede pública de ensino do Distrito Federal. *Danaides* foi criado em 2011 pelo grupo baSiraH a partir da tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo. O espetáculo se situa na fronteira híbrida entre a dança contemporânea e o teatro. O estranhamento presente na obra constituiu-se como ponto de partida para a mediação, que movimentou conceitos sistematizados por Flávio Desgranges e Josette Féral. A metodologia envolveu acompanhamento do processo criativo, análise do espetáculo e entrevistas com os artistas-criadores, desdobrando-se em folder educativo, guia de orientação ao professor, palestra de sensibilização no teatro e debate. Estudantes, professores, artistas e gestores de espaços culturais, por meio de questionários e depoimentos, atestaram a eficácia da proposta, também mensurada pela qualidade do debate ao final da apresentação e pela interação da plateia durante o espetáculo. A proposta se apresentou como uma potente estratégia de mediação para espetáculos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: mediação; espectadores; teatro contemporâneo; dança contemporânea; estranhamento.

ABSTRACT

The present article analyses the pedagogical action developed to mediate the reception of the play *Danaides* by public High School students in Distrito Federal. *Danaides* was created by the group baSiraH in 2011 based on Greek tragedy *The Suppliants*, by Aeschylus. The piece stands on a hybrid border between contemporary dance and theatre. The sense of estrangement within the play was the starting point to the mediation action, which brought into movement concepts by Flávio Desgranges and Josette Féral. Methodology comprehended attendance of the creative process, analysis of the piece and interviews with the artists. An educative folder, a teacher's guidebook, a sensitizing talk before the play and a debate were brought as outcomes of this work. Students, teachers, artists and cultural managers attested the efficiency of the action through questionnaires and speeches. The debate at the end of the show and the relation between audience and stage during the performance also qualified the results. The action has come out as a mighty strategy for mediating contemporary pieces.

KEYWORDS: mediation; spectators; contemporary theatre; contemporary dance; estrangement.

Este artigo é uma criação compartilhada e híbrida em que confluem as investigações de um educador sobre mediação e as investigações de uma coreógrafa sobre processo de criação, resultado cênico e os impactos

provocados na obra pelo encontro com o público. Nosso objetivo é analisar e registrar a experiência de formação de espectadores promovida pelo grupo baSiraH, grupo independente de dança contemporânea baseado em Brasília, durante a circulação, em 2011, do espetáculo *Danaides*.

Na trajetória da companhia sempre esteve presente a preocupação em desmistificar a visão da dança contemporânea como arte de elite, intelectualizada e hermética, e promover seu acesso para além de uma plateia seleta, sem que isso significasse tornar a criação simplória, linear ou literal. Também é diretriz da companhia propor como obra algo que seja visto não apenas com olhar contemplador, mas com olhar sensível, questionador, crítico e que possa deslocar o espectador, seu corpo, sensações e humores diante de uma experiência a ser vivenciada e não somente vista e observada à distância. A dança do baSiraH pretende movimentar ambos intérprete e espectador em seus distintos atos produtivos.

A noção de ato produtivo é definida por Desgranges (2011) como uma postura criativa diante da obra de arte e, para o autor, tanto o processo de criação como de compreensão do espetáculo são de natureza artística e demandam uma atitude autoral. Sua vasta contribuição – inclusive no campo metodológico – acerca dos movimentos do espectador foi o ponto de partida para estruturar este trabalho, que se inscreve na distinção entre as idéias de formação de público e formação de espectadores.

Um projeto de formação de público teatral foca prioritariamente a ampliação do acesso físico, facilitando a ida e aumentando o interesse pela freqüentação ao teatro. Um projeto de formação de espectadores, por sua vez, cuida não somente de por o espectador diante do espetáculo, mas trata também da intimidade desse encontro, estreitando laços afetivos, afinando a sintonia, mediando a relação dialógica entre espectador e obra de arte. (DESGRANGES, 2011: 157)

Breves notas sobre Danaides

Danaides teve como inspiração criativa a tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo, e a principal proposta foi estabelecer um paralelo entre a tragédia grega e os dias de hoje. Para isso, contou com a colaboração do professor Marcus Mota, que apresentou ao elenco várias versões da tragédia e seus possíveis sentidos na Grécia Antiga e no contexto atual.

Inicialmente, a investigação coreográfica partiu da exploração imagética e ritualística suscitada pela obra, sem uma preocupação de manter a narrativa linear da história das cinquenta irmãs, filhas do rei Dânaos, conhecidas como as mulheres assassinas que matam seus maridos na noite de núpcias. Com motivação na relação conflituosa de gêneros e discussão dos papéis sociais que cada um desempenha, a montagem enveredou por um formato de composição que se configurou numa espécie de sobreposição e colagem de quadros vivos de atmosfera ritualística com situações cotidianas que pudessem abordar e explicitar relações de poder. As cenas foram levantadas a partir de laboratórios de improvisação, onde cada intérprete pôde explorar sua visão sobre a obra e as ressonâncias dela em seu cotidiano.

O entendimento de mediação

O conceito de mediação que nos interessa mais de perto nesse artigo é aquele em sua acepção de “aprendizagem da apreciação artística por espectadores menos experimentados” (PUPO, p. 114). Nesse conceito, a mediação se coloca como uma ponte menos instável entre obra e plateia, agregando confiança e reestabelecendo laços afetivos. Não se trata, ao contrário do que amedronta alguns artistas, de explicar ou simplificar o sentido intelectual da obra ou, ainda, de explicitar suas possibilidades de narrativa, mas de sensibilizar o olhar do espectador para uma experiência diferenciada daquela que se está habituado em termos de fruição artística; de criar um estado diferenciado de percepção.

Ciente das complexidades do fenômeno teatral, que acontece em fluxo diante do espectador, Desgranges (2011) estruturou uma metodologia para mediação de espetáculos denominada “ensaios de desmontagem”. Elaborada entre os anos de 2001 e 2004 na ocasião do Projeto Formação de Público, em São Paulo, a metodologia se apóia na desconstrução do espetáculo, propondo aos espectadores “exercícios teatrais semelhantes aos que os artistas realizaram no processo de construção” da obra (p. 166). O autor sugere o estabelecimento de dois momentos de mediação, sendo um anterior à fruição (“ensaios de preparação”) e outro, posterior (“ensaios de prolongamento”).

Nossa proposta de mediação, em realidade, apropria-se muito mais da estrutura que Desgranges configura – contato com o espectador antes e depois da fruição do espetáculo – do que propriamente seus exercícios. Isto é dizer que o espectador, neste trabalho, não passa pela experimentação de etapas do processo de criação; a estratégia de aproximação entre leitor e obra aqui é a explicitação e a contextualização de procedimentos disparadores de sentido presentes no trabalho. Neste caso específico, o procedimento do estranhamento e sua relação com o sentido – ou com a falta dele.

Sobre sentido e estranhamento

O estranhamento como atitude de recepção opõe-se à contemplação, à identificação catártica e mesmo ao entretenimento desengajado, exigindo que o espectador se vincule à obra de uma maneira diferenciada, mais consciente e disposto a enfrentar algumas de suas certezas. Muitas são as reações possíveis do espectador ao se deparar com uma situação de estranhamento na experiência artística e, logo, muitas podem ser suas implicações no processo de fruição. Se por um lado o desconforto, o incômodo, a incerteza podem provocar curiosidade, pensamento e tirar o público do lugar comum, por outro, ao contrário, podem fazer com que o espectador abandone o jogo cênico por não decodificar os signos do diálogo e se sentir relegado da experiência – o que não desejamos. Queremos, antes, que o público transite da busca de um sentido único – como foi educada, historicamente, a percepção na sociedade ocidental – para as várias possibilidades de deslizamentos de sentido (FÉRAL, 2009: 203-204) que a obra contemporânea oferece.

Da mesma forma, são diversas as escolhas estéticas que podem levar o espectador a estranhar a obra. Em *Danaides*, as rupturas formais que se operam em relação à linguagem – especialmente no que diz respeito a procedimentos como a desconstrução da coreografia, a quebra da linearidade narrativa e a alta carga de abstracionismo nas imagens – são elementos que disparam e intensificam a atitude de estranhamento – a qual elegemos como eixo central do programa de mediação.

Notas sobre o processo e os ensaios da mediação

Para chegar ao estranhamento como eixo central, artistas e mediador estiveram juntos na sala de ensaios diversas vezes ao longo do processo de criação. Em seguida, foi preciso considerar o contexto em que a experiência se deu, ou seja, a limitação de tempo – em torno de três horas – e o público-alvo – estudantes de Ensino Médio de escolas públicas localizadas em regiões periféricas do Distrito Federal. Então, como atividade de preparação, estruturamos uma palestra mobilizadora de sentidos com duração de 20 minutos, em que exibimos uma sequência de cinco vídeos retirados do YouTube. Entre um vídeo e outro, uma conversa com o mediador.

Primeiro vídeo, amador: um grupo de jovens dançando o hit *Vou não, quero não, posso não (minha mulher não deixa)* em uma praia, ao redor de um carro, executando uma coreografia ilustrativa e literal. O impacto de algo muito próximo a realidade daqueles espectadores em um ambiente supostamente destinado ao erudito desarmou suas expectativas e os aproximou do que poderia ser dito daí em diante. Conversou-se sobre o lugar da dança em nosso cotidiano, sobre o sentidos de uma coreografia.

Segundo vídeo, profissional: o videoclipe da música *Lotus Flower*, estrelado pelo cantor Thom Yorke, no qual ele executa movimentos não-cotidianos, abstratos, em um espaço estranho e irreconhecível. A leitura dos estudantes partiu para o lugar da loucura; do estranhamento que não comunica e, sim, afasta; para a ausência de qualquer ponto de contato entre eles e o vídeo. Será que a dança precisa ter sentido?

Terceiro vídeo, amador: o mesmo Thom Yorke, dançando a mesma coreografia, mas, dessa vez, ao som de *Vou não, quero não, posso não (minha mulher não deixa)*. Um remix amador que fez o estranhamento desaparecer. O que antes era um louco é, agora, um homem dançando, feliz, uma música que o agrada; um homem entregue ao ritmo. A mudança de percepção movimentou os estudantes a entender e a considerar que coreografia não precisa ser óbvia e concreta; que o estranhamento pode ser um estado interessante de observação e reflexão sobre o que é diferente.

Quarto vídeo, captura da TV: John Lennon da Silva, na etapa seletiva de um programa televisivo, dança a coda final do *Lago dos Cisnes* em versão *hip hop*. Lennon alia erudito e popular, clássico e cotidiano; explica sobre figurino, sobre processo criativo e constrói uma coreografia abstrata que pode ter muitos sentidos. Os estudantes se preparam para expandir suas próprias

possibilidades.

Quinto vídeo, trailer: o filme *Pina*, de Win Wenders, à época ainda não estreado. Os estudantes se surpreendem com a beleza das imagens, mesmo que as achem estranha e que as vejam fragmentadas em termos de sentido. Entendem que nem tudo em cena é para ser entendido.

Como prolongamento, sugerimos a aplicação de um questionário seguida de bate-papo com os artistas. O questionário trazia perguntas referentes à experiência com o espetáculo e outras que suscitavam seu desdobramento em termos de reconhecimento da linguagem cênica, como, por exemplo, possíveis temas ou as cores mais presentes na encenação. Entre 513 respondentes, 508 afirmaram ter gostado do espetáculo e, desses, 71% afirmaram tê-lo entendido. Interessante notar que aqueles 29% que disseram não entender o trabalho, mesmo assim, disseram gostar – o que pode apontar uma mudança de percepção na relação entre gosto e entendimento.

Já o bate-papo, conduzido pelo mediador, foi de tema livre. Artistas e gestores dos espaços apontaram, em seus depoimentos, a pertinência das perguntas do debate. Outros indicadores, esses mais intuitivos, também constituíram material de avaliação e análise, como o respeito manifestado pela situação teatral – já que a postura dos públicos escolares, associada a agitação e interação desrespeitosa e barulhenta, afligia os intérpretes – e a reação, também respeitosa, diante das cenas de nudez. Pistas instigantes, cremos, sobre a mediação de espetáculos contemporâneos. Pistas que ultrapassam o incentivo ao hábito de ir ao teatro e se debruçam sobre o desenvolvimento do gosto pela vivência do papel de espectador: um papel em constante devir, que estranha, se emociona, pensa, reflete, desdenha, duvida, questiona, concorda, viaja e se extasia diante da obra artística – e também de seus sentidos.

Referências

Livros

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2011.

FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade: o teatro performativo**. Revista Sala Preta, n. 9, pp. 197-210, São Paulo, 2009.

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Mediação artística, uma tessitura em processo**. Urdimento: revista de estudos em artes cênicas, n. 17, pp. 113-121. Florianópolis: UDESC/CEART, 2011.

Vídeos

EUDANÇONOSBT. **Se Ela Dança Eu Danço JOHN LENNON DA SILVA faz JOÃO chorar**. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MceKWv9V-Yw>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

INDIECULTUREBOX. **Pina (2011) - Official Trailer [HD]**. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CNuQVS7q7-A>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

RADIOHEAD. **Radiohead – Lótus Flower**. 2011. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=cfOa1a8hYP8>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

SAMMORGAN2009. **Thom Yorke - Minha mulher não deixa não**. 2011. Disponível: <<http://www.youtube.com/watch?v=WLrps-01GOc>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

SDRONSH. **Vou não! Quero Não! Posso Não! (Minha Mulher não deixa)**. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=euTxXL4MQTU>>. Acesso em: 03 nov. 2012.